

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENVELHECIMENTO HUMANO

PAULO CEZAR MELLO

PERCEPÇÕES DE PAIS/MÃES DE
AUTISTAS QUE PRATICAM
EQUOTERAPIA EM RELAÇÃO AO
CUIDADO NO VIVER-ENVELHECER

Passo Fundo

2021



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

PAULO CEZAR MELLO

PERCEPÇÕES DE PAIS/MÃES DE AUTISTAS QUE PRATICAM
EQUOTERAPIA EM RELAÇÃO AO CUIDADO NO VIVER-ENVELHECER

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Envelhecimento Humano, da Faculdade de
Educação Física e Fisioterapia, da Universidade
de Passo Fundo.

Orientadora: Profa. Dra. Helenice de Moura Scortegagna
Coorientadora: Profa. Dra. Cristina Fioreze

Passo Fundo

2021

M527p Mello, Paulo Cezar
Percepções de pais/mães de autistas que praticam
equoterapia em relação ao cuidado no viver-envelhecer /
Paulo Cezar Mello. – 2021.
111 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Helenice de Moura Scortegagna.
Coorientadora: Profa. Dra. Cristina Fioreze.
Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
Universidade de Passo Fundo, 2021.

1. Equitação - Uso terapêutico. 2. Autistas. 3. Pais de
crianças autistas. I. Scortegagna, Helenice de Moura,
orientadora. II. Fioreze, Cristina, coorientadora. III. Título.

CDU: 636.1:615.85

TERMO DE APROVAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Envelhecimento Humano

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

**“PERCEPÇÕES DE PAIS/MÃES DE AUTISTAS QUE PRATICAM
EQUOTERAPIA EM RELAÇÃO AO CUIDADO NO VIVER-ENVELHECER”**

Elaborada por

PAULO CEZAR MELLO

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
“Mestre em Envelhecimento Humano”

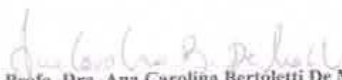
Aprovada em: 26/08/2021
Pela Banca Examinadora


Prof. Dra. Helenice de Moura Scortegagna
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dra. Cristina Fiozze
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Coorientadora


Prof. Dra. Rosimar Serena Siqueira Esquinsani
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Avaliadora Externa


Prof. Dra. Marilene Rodrigues Portella
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Avaliadora Interna


Prof. Dra. Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Universidade de Passo Fundo – UPF/PPGEH
Coordenadora do PPGEH

DEDICATÓRIA

A minha esposa Neiva

A minha filha Marina

Aos meus amigos e colegas de estudo e trabalho

Aos acadêmicos estagiários que estão sempre comigo na Equoterapia

As pais/mães dos filhos com autismo que aceitaram a participar de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Mais do que um trabalho individual, esta dissertação é resultado da colaboração e contribuição de várias pessoas. Com vocês divido essa conquista e estendo meu sincero agradecimento.

A Deus, por me amparar em momentos difíceis, me dar força, paz e resiliência para superar as dificuldades e incertezas.

A minha esposa Neiva e filha Marina pelo amor e apoio incondicional. Por serem meu porto seguro, exemplo de família. A vocês minha eterna gratidão.

A minha orientadora Profa. Dra. Helenice de Moura Scortegagna, agradeço o apoio, a partilha do seu saber científico, ricas contribuições na pesquisa.

A minha coorientadora Profa. Dra. Cristina Fioreze, carinho, conhecimento, sensibilidade e principalmente pelas orientações no trabalho.

A Profa. Dra. Graciela de Brum Palmeiras, pelo auxílio e colaboração, principalmente na utilização da ferramenta do *software* NVivo ®10.

As mães/pais que aceitaram participar da pesquisa, dedicando seu tempo, permitindo um olhar no interior do cotidiano dos seus filhos. Sem essa contribuição a pesquisa não teria sido realizada.

A banca examinadora de qualificação, pelas sábias contribuições que enriqueceram o trabalho.

A todos os professores e colegas do mestrado pelo incentivo, trocas de conhecimentos e aprendizado constante.

Aos amigos que fizeram parte destes momentos sempre ajudando com incentivo.

A todos vocês, minha gratidão. Obrigado!

EPÍGRAFE

“O Autismo não se cura, se compreende”.

Autismo Ávila

RESUMO

MELLO, Paulo Cezar. **Percepções de pais/mães de autistas que praticam equoterapia em relação ao cuidado no viver-envelhecer**. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

O presente estudo teve como objetivo compreender os benefícios da equoterapia em relação ao cuidado no viver-envelhecer a partir da percepção dos pais/mães de autistas. E para dar suporte a este objetivo, obteve-se os seguintes objetivos específicos: conhecer os benefícios identificados pelos pais/mães no cuidado vinculado à participação na terapia assistida por cavalos e; identificar potencialidades e dificuldades relacionadas à participação dos filhos na terapia assistida por cavalos. O trabalho está organizado em três seções: produção científica I, II e III. A primeira produção teve como objetivo conhecer a percepção dos responsáveis por pessoas com autismo acerca da participação na terapia assistida por cavalos em relação ao viver-envelhecer. A segunda produção teve como objetivo conhecer a percepção dos pais/mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista acerca da participação na terapia assistida por cavalos. Essas duas produções, tratam-se de um estudo qualitativo, exploratório-descritivo, com delineamento transversal, realizado com dezesseis pais/mães e ou responsáveis de indivíduos com autismo que participam de um Projeto Extensionista em Equoterapia da Universidade de Passo Fundo. Os dados foram coletados de novembro a dezembro de 2020, realizados por meio de entrevistas individuais, a partir de um questionário semiestruturado, as falas dos participantes foram sistematizadas e codificadas por meio do *software* NVivo ®10, seguindo os pressupostos de análise temática de conteúdo de Bardin, que gerou categorias de similaridades e correlações. Uma vez finalizado o processo de codificação foi possível gerar três categorias (*nodes*) em cada uma das produções. Os resultados apresentados evidenciaram a importância da regularidade nas sessões de equoterapia, as relações estabelecidas nas sessões entre praticante-cavalo desenvolvendo qualidade e afeição, passando a ganhos de autoestima e segurança, seguindo de melhoras motoras e no senso de limites e autonomia. Além disso, o avanço na sociabilidade e de relacionamento, tendo melhorias nos quadros de ansiedade e independência e, em relação as dificuldades frente a pandemia da Covid-19, foi relatado que a parada das intervenções equoterápicas ocasionou crises de ansiedades, acarretando quebras na rotina na vida dos praticantes. A terceira produção objetivou refletir sobre a importância da equoterapia no viver-envelhecer dos indivíduos com autismo a partir de um projeto de extensão em equoterapia. Esta produção está fundamentada sobre equoterapia, a relação com o cuidado, a definição do Transtorno do Espectro Autista e o processo de viver-envelhecer. Estimular a convivência com indivíduos, por meio de atividades coletivas, como a equoterapia, traz benefícios para um envelhecimento saudável da mente e do corpo dos praticantes.

Palavras-chave: transtorno espectro autista; terapia assistida por cavalos; cuidado; viver-envelhecer.

ABSTRACT

MELLO, Paulo Cezar. **Perceptions of parents/mothers of autistic people who practice riding in relation to care in living-ageing**. 2021. 111 f. Dissertation (Master's degree in Human Aging) - University of Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

This study aimed to understand the benefits of hippotherapy in relation to care in living-ageing from the perception of parents of autistic children. And to support this objective, the following specific objectives were obtained: to know the benefits identified by fathers/mothers in the care linked to participation in horse-assisted therapy and; identify potentialities and difficulties related to the participation of children in horse-assisted therapy. The work is organized into three sections: scientific production I, II and III. The first production aimed to understand the perception of those responsible for people with autism about participation in horse-assisted therapy in relation to living-ageing. The second production aimed to understand the perception of fathers/mothers of individuals with Autistic Spectrum Disorder regarding participation in horse-assisted therapy. These two productions are a qualitative, exploratory-descriptive study, with a cross-sectional design, carried out with sixteen fathers/mothers and/or guardians of individuals with autism who participate in an Extensionist Project in Riding Therapy at the University of Passo Fundo. Data were collected from November to December 2020, conducted through individual interviews, from a semi-structured questionnaire, the speeches of the participants were systematized and coded using the NVivo ®10 software, following the assumptions of thematic content analysis of Bardin, who generated categories of similarities and correlations. Once the coding process was completed, it was possible to generate three categories (nodes) in each of the productions. The results presented evidenced the importance of regularity in the hippotherapy sessions, the relationships established in the sessions between practitioner-horse developing quality and affection, passing to gains in self-esteem and safety, followed by motor improvements and in the sense of limits and autonomy. In addition, the advance in sociability and relationships, with improvements in anxiety and independence and, in relation to the difficulties facing the Covid-19 pandemic, it was reported that the interruption of hippotherapy interventions caused anxiety crises, causing breaks in the routine in the lives of practitioners. The third production aimed to reflect on the importance of hippotherapy in the living-ageing of individuals with autism from an extension project in hippotherapy. This production is based on hippotherapy, the relationship with care, the definition of Autistic Spectrum Disorder and the process of living-ageing. Encouraging interaction with individuals, through collective activities, such as hippotherapy, brings benefits for a healthy ageing of the mind and body of practitioners.

Keywords: autistic spectrum disorder; horse assisted therapy; caution; living-ageing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Nuvem de palavras de maior frequência das falas dos participantes..	41
Figura 2. Dendograma de cluster da similaridade de palavras das categorias...	42
Figura 3. Codificação por nó em relação ao percentual de coberturas.	42
Figura 4. Nuvem de palavras de maior frequência das falas dos participantes..	58
Figura 5. Dendograma de cluster da similaridade de palavras das categorias..	58
Figura 6. Fluxograma para ilustrar a evolução do projeto extensionista em equoterapia no decorrer dos anos.....	78
Figura 7. Diagrama das parcerias externas do projeto de extensão em equoterapia ao longo do tempo.....	79
Figura 8. Apoio interno para a viabilização do projeto em equoterapia.....	80
Figura 9. Prêmios do projeto extensionista em equoterapia.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista.....	22
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Coeficiente de correlação de <i>Pearson</i> entre as categorias para categorização das falas, Passo Fundo, 2021.....	59
---	----

LISTA DE SIGLAS

AI	Autismo Infantil
APACE	Associação de Cegos
AUMA	Associação de Pais e Amigos da Criança Autista
CASE	Centro de Atendimento Socioeducativo
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CREF/RS	Conselho Regional de Educação Física do Rio Grande do Sul
DI	Deficiência Intelectual
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EFRICA	Centro de Eventos Municipal de Passo Fundo
FAED	Faculdade de Educação
FEFF	Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
IES	Instituição de Ensino Superior
QI	Quociente Intelectual
NSAC	Sociedade Nacional para Crianças Autistas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGEH	Programa de Pós Graduação em Envelhecimento Humano
SINEPE	Sindicato da Escolas Particulares do Rio Grande do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TID	Transtorno Invasivo de Desenvolvimento
TGD	Transtorno Global de Desenvolvimento
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	19
2.2 O CUIDADO	23
2.3 O VIVER-ENVELHECER	25
2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EQUOTERAPIA.....	27
3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I.....	33
4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA II.....	34
5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA III.....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural, progressivo, comum a todos os seres vivos e, que, conseqüentemente, faz parte da vida de todo ser humano. Ele é caracterizado por diferentes mudanças biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem juntamente à passagem do tempo na vida de cada um e que dependem de múltiplos fatores, como cultura, estilo de vida e situação de vida e saúde. O processo de envelhecer tem início no nascimento, mas seus efeitos são marcadamente conhecidos como uma etapa do desenvolvimento humano, que se intensifica na vida adulta, culminando na chamada velhice (SILVA, 2017).

Importante aspecto a ser levado em consideração é com relação ao processo de envelhecimento do indivíduo autista. Até meados do século XIX, a expectativa de vida era menor em relação aos dias atuais e, com isso, o envelhecimento era visto como uma doença a ser evitada. Atualmente, diferentemente, o envelhecimento é foco de estudos e ações sociais e governamentais, na expectativa de se promover longevidade e um processo com melhor qualidade de vida para todos. Partindo-se desta concepção, em especial neste estudo chama-se atenção para os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (BRASIL, 2015).

No que se refere especificamente aos indivíduos com TEA, e considerando-se o seu processo de envelhecimento, diante do qual os pais/mães se mobilizam, assumindo papéis ativos frente às limitações dos seus filhos. São os pais/mães a primeira referência de ambiente de socialização da criança e o contexto primário de seu cuidado; tendo a potencialidade de acolher suas necessidades, com vistas ao suporte e promoção de seu potencial de desenvolvimento (MAPELLI *et al.*, 2018).

Os pais/mães geralmente estão mais presentes no cuidado da criança/adolescente autista. Logo, estes exercem um papel importantíssimo na vida do indivíduo autista, e muitas vezes, estes pais/mães não estão preparados para lidar com o fato de ter uma criança assim, mas acabam por aceitar e passam a se inteirar mais sobre o transtorno que afeta a vida da criança, tentando entender, a fim de proporcionar um bom tratamento, saber lidar e promover uma boa qualidade de vida para seu filho (MAIA FILHO *et al.*, 2016).

O comprometimento cognitivo e a dependência de cuidados diários, frequentes na maioria dos casos, traduzem a necessidade de cuidado ao longo da vida de uma pessoa autista (MARTÍN; LEON, 2008). Assim, quanto ao cuidado em casos do espectro do autismo, cabe desenvolver estratégias terapêuticas de modo acolhedor e humanizado, direcionando suas ações ao desenvolvimento de funcionalidades e à compensação de limitações funcionais, como também à prevenção ou ao retardo de possível deterioração das capacidades funcionais. Tais ações são direcionadas por meio de processos de habilitação e reabilitação focados nas dimensões cognitivas e de linguagem oral, escrita e não-verbal, na condição de vetores básicos à circulação e à pertença social dos indivíduos (TEIXEIRA *et al.*, 2010).

Sendo assim, a variedade de terapias voltadas para o tratamento do autismo se deve às diversas características que apresentam e à grande diferenciação na apresentação dos casos. Em especial na equoterapia, o uso do cavalo na reabilitação física decorre de seu movimento ritmado, repetitivo e simétrico, que acaba sendo passado ao indivíduo com autismo. O movimento realizado pelo cavalo é semelhante ao que um indivíduo realiza ao andar. Deste jeito, é um trabalho de conhecimento do próprio corpo, pois exige a participação do corpo inteiro, trabalhando e desenvolvendo uma melhor coordenação física, a postura, o ritmo, o equilíbrio, a flexibilidade, o tônus muscular e a autoaceitação. Através do contato cavalo-paciente é possível trabalhar aspectos como a afetividade, a autoconfiança, e até mesmo a criatividade, desenvolvendo-se atividades físicas, psicológicas, de aprendizagem e afetivas, facilitando a reintegração social do paciente (BRASIL, 2000).

O caráter crônico do transtorno e o fato de muitos indivíduos com autismo não adquirirem independência, associado ao número de diagnósticos de TEA e da longevidade da população em geral, suscita a necessidade de estudos que auxiliem na qualidade do atendimento a essas pessoas nas diferentes etapas do seu desenvolvimento (SCHMIDT; BOSA, 2003).

Desta maneira, é importante mencionar a respeito da motivação para realizar este trabalho acadêmico, percebendo a importância e o significado que a equoterapia traz na vida dos seus beneficiários. Tenho uma trajetória por mais de 10 anos junto ao Projeto de Extensão Universitária em Equoterapia, no qual foi possível acompanhar e vivenciar muitas situações. Destaco, também, a

convivência diária com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista há mais de 15 anos, como professor efetivo na Escola Municipal de Autistas. Estas experiências resultaram nos pilares centrais que motivaram para a realização deste estudo.

Tendo em vista a cronicidade do TEA, as necessidades especiais dessa população, e que pouco se discute sobre a longevidade e o envelhecimento desses indivíduos, seja em meio científico ou não, é que este estudo está centrado na percepção dos pais/mães de autistas que praticam equoterapia, em relação ao cuidado no processo de envelhecimento ao longo da vida, e as possíveis intervenções contribuirão para desenvolver melhoras nos aspectos biopsicossociais que perpassam a vida dos indivíduos que fazem uso desta prática. Assim, este estudo teve como pergunta de pesquisa: Qual a percepção dos pais/mães dos autistas que praticam equoterapia, em relação ao cuidado de seus filhos no processo de viver-envelhecer?

Para responder à pergunta, esta pesquisa teve como objetivo geral: compreender os benefícios da equoterapia em relação ao cuidado no viver-envelhecer a partir da percepção dos pais/mães de autistas. E para dar suporte a este objetivo, teve-se os seguintes objetivos específicos: (i) conhecer os benefícios identificados pelos pais/mães no cuidado vinculado a participação na terapia assistida por cavalos; e (ii) identificar potencialidades e dificuldades relacionadas a participação dos filhos na terapia assistida por cavalos.

A maioria dos estudos em equoterapia cita como objetivo da reabilitação a funcionalidade motora e geralmente visa mensurar a aquisição de benefícios físicos como equilíbrio e força em indivíduos com paralisia cerebral (GIAGAZOGLU *et al.*, 2012; SHURTLEFF *et al.*, 2009). Existe a escassez de estudos empíricos sobre os componentes emocionais e cognitivos envolvidos no tratamento de equoterapia seja um reflexo das limitações da pesquisa nesta área (ZAMO; TRENTINI, 2016).

Sendo assim, este estudo está estruturado iniciando por esta introdução geral, percorrendo por questões relacionadas ao autismo, seu histórico e prevalência na atualidade, e a equoterapia, quanto a sua importância e o cuidado e o viver-envelhecer em relação aos participantes e seus familiares ao longo da vida. Na sequência, é apresentada a revisão de literatura que dá suporte à pesquisa, seguida das duas produções científicas que são frutos dos resultados

da investigação que embasa esta dissertação. A primeira produção, um artigo intitulado “Equoterapia na percepção de pais/mães de autistas”, que tem como objetivo conhecer a percepção dos pais/mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista acerca da participação na terapia assistida por cavalos. Neste trabalho são apresentados os benefícios na convivência e no desenvolvimento resultantes da participação conjunta dos indivíduos com TEA, beneficiados nas sessões de equoterapia e as dificuldades desta população no período da pandemia da Covid-19. Na segunda produção, capítulo de livro, intitulada “Equoterapia e sua importância no viver-envelhecer dos indivíduos com TEA”, é apresentado um recorte do referencial teórico de toda a dissertação, contemplando tópicos que têm como propósito refletir sobre a importância da equoterapia no viver-envelhecer dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista a partir de um projeto de extensão universitária em equoterapia. Por último, algumas considerações a respeito de toda a dissertação, avaliando a eficácia do estudo realizado, suas limitações e vislumbrando algumas proposições a partir dos resultados encontrados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Histórico e definição do Transtorno do Espectro Autista

A palavra autismo foi cunhada na literatura médica por Eugen Bleuler, em 1911, para classificar indivíduos que apresentavam dificuldades na comunicação e interação social com tendência ao isolamento (PEREIRA, 2009). Historicamente as primeiras publicações sobre o autismo são dos psiquiatras infantis Hans Asperger (1944) e Leo Kanner (1943), ambos respaldados dos casos que observavam juntamente com suas suposições teóricas a respeito da desconhecida síndrome (ONZI; GOMES, 2015).

Eugen Bleuler, em 1911, utilizou o termo para descrever um sintoma característico da esquizofrenia, chamado de “dissociação psíquica”. Para este, o autismo levaria o indivíduo a um fechamento em seu mundo interior, inacessível e impenetrável, de forma que o tornaria completamente incapaz de manter uma relação com o mundo externo (BASTOS, 2012).

Em 1943, Leo Kanner (1943) descreveu, pela primeira vez, o autismo como uma patologia da infância, a partir de onze observações. Também observou que crianças autistas vinham de famílias inteligentes e classificou o comportamento dos pais dessas crianças como pouco calorosos e distantes, insinuando uma relação entre a frieza dos pais e os problemas sociais daquelas crianças. Para o referido autor o estabelecimento do laço afetivo da criança autista com o outro parecia improvável ou mesmo impossível, já que se trata de uma incapacidade inata. Uma perspectiva como esta aponta para o caminho da reeducação, no sentido em que apenas é possível uma mudança de comportamento em relação a seu isolamento e uma ação adestradora, sem, contudo, realizar alterações estruturais na criança autista (BASTOS, 2012).

Kanner apud Klim (2006) descreveu onze casos do que denominou distúrbios autísticos do contato afetivo. Nesses onze primeiros casos, havia uma "incapacidade de relacionar-se" de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. Também foram observadas respostas incomuns ao ambiente, que incluíam maneirismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao

eco na linguagem (ecolalia). Kanner apud Klim (2006) foi cuidadoso ao fornecer um contexto de desenvolvimento para suas observações. Ele enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social, assim como dos comportamentos incomuns na definição da condição (KLIM, 2006).

A partir dos estudos de Rimland (1964), na década de 60, que o autismo passou a ser compreendido por alguns estudiosos como um transtorno neurobiológico e não psicogênico, existente em todos os países e grupos socioeconômicos ou étnico-raciais. A década de 60 foi importante também pela publicação da primeira pesquisa epidemiológica sobre o autismo.

Em 1976, Ritvo apud Bastos (2012) elaborou para a Sociedade Nacional para Crianças Autistas (National Society for Autistic Children - NSAC), uma definição do autismo com critérios mais elaborados, composto de alterações na velocidade e sequência do desenvolvimento, resposta ao estímulo sensorial, comunicação verbal e não verbal e capacidade de relacionar-se apropriadamente às pessoas, eventos e objetos. Esta definição enfatizou a base neurobiológica do autismo, apesar de fornecer mais detalhes clínicos (BASTOS, 2012; ONZI; GOMES, 2015).

Um marco na classificação desse transtorno ocorreu em 1978, quando Michael Rutter apud Klim (2006) propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos 30 meses de idade (KLIM, 2006).

A definição de Rutter e o crescente corpo de trabalhos sobre o autismo influenciaram a definição desta condição no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em 1980, quando o autismo pela primeira vez foi reconhecido e colocado em uma nova classe de transtornos, a saber: os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs). O termo TID foi escolhido para refletir o fato de que múltiplas áreas de funcionamento são afetadas no autismo e nas condições a ele relacionadas (KLIM, 2006).

No decorrer da segunda metade do século XX, houve uma movimentação por parte dos profissionais da saúde, na tentativa de uniformizar o diagnóstico do Autismo, dando forças aos manuais nosológicos (SCHWARTZMAN, 2011). Na década de oitenta, chegou-se a um consenso quanto à concepção do autismo

como uma síndrome comportamental que afeta uma ampla gama de áreas do desenvolvimento cognitivo e afetivo, julgando-o um distúrbio generalizado de desenvolvimento, coletado pelas diferentes classificações nosológicas (BALBUENA, 2007).

A partir de então, muito se discutiu e se estudou sobre o distúrbio, sobretudo os pesquisadores psicanalistas, que inicialmente influenciaram fortemente a forma de se entender o autismo infantil (AI). O conceito de AI, portanto, se modificou desde a sua descrição inicial, passando a ser agrupado em um contínuo de condições com as quais guarda várias similaridades, que passaram a ser denominadas de transtornos globais (ou invasivos) do desenvolvimento (TGD). Mais recentemente, denominaram-se os transtornos do espectro do autismo (TEA) para se referir a uma parte dos TGDs: o autismo, a síndrome de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (portanto, não incluindo a síndrome de Rett e o transtorno desintegrativo da infância) (BRASIL, 2015).

O termo espectro está associado a níveis e dimensões de variabilidade na manifestação dos sintomas do autismo e estão associados ao comprometimento no comportamento adaptativo do indivíduo. Muitos indivíduos com TEA também apresentam comprometimento intelectual e da linguagem (APA, 2014).

Portes e Vieira (2020) ratificam que o TEA se caracteriza principalmente por prejuízos persistentes na comunicação social recíproca e na interação social, apresentando também padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas costumam ser identificados no segundo ano de vida, embora alguns indícios mais acentuados possam ser observados nos primeiros 12 meses de idade.

Segundo o DSM-5, o TEA é entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento e pode ser definido da seguinte forma:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014, p. 31).

O TEA não é um transtorno degenerativo, sendo comum que a aprendizagem e as compensações individuais continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar. Caso ocorra intervenção terapêutica ou compensação individual, as dificuldades podem ser amenizadas em alguns contextos, mas permanecem suficientes para causar prejuízos em áreas importantes na vida do indivíduo (APA, 2014).

O TEA apresenta-se em três níveis de gravidade, conforme o quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITIVOS E REPETITIVOS
Nível 3 (exigindo apoio muito substancial)	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 (exigindo apoio substancial)	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem dos outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 1 (exigindo apoio)	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode aparentar pouco interesse por interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: Tradução - American Psychiatric Association (2014, p. 52).

Os déficits na interação e comunicação social são compreendidos como dificuldades em iniciar e manter diálogos com função comunicativa. Os prejuízos da interação e comunicação social precisam aparecer de forma qualitativa envolvendo: dificuldade em iniciar e/ou manter diálogo com os pares, bem como compartilhar interesses; déficit no uso de comportamentos não verbais (contato visual, expressão facial e gestos que envolvem interação); dificuldade em ajustar seu comportamento a contextos sociais diversos; falta de reciprocidade social ou emocional; dificuldade em compreender brincadeira simbólica e abstração (APA, 2014).

Embora haja melhoras em alguns casos, em outros, alguns sintomas como automutilação grave, agressividade e regressão podem se desenvolver, assim como podem ocorrer convulsões ao final da infância/adolescência que tendem a modificar o prognóstico, de modo negativo (SILVA, 2017). Assim como os sintomas, o prognóstico do TEA é extremamente variável, sendo que seus sintomas, geralmente, persistem ao longo de toda a vida. Dessa maneira, o processo de envelhecimento do indivíduo com TEA necessita de maiores cuidados.

2.2 O Cuidado

Para Boff (1999), “cuidar é mais que um ato; é uma atitude e abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”. Ainda, para o já referido autor, cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se depreende, de uma atitude fundamental.

Complementando a ideia, Silva *et al.* (2005) afirmam que saber cuidar implica aprender a cuidar de si e do outro, tendo sempre noção da realidade, possibilidades e limitações. Antes de sonhar eternamente com um mundo por vir, sonhemos com uma sociedade onde os valores se estruturam e se constroem ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo, considerando as diferentes culturas, saberes, ideias; com o planeta em que vivemos e com as questões que envolvem este viver em relação de cuidado uns com os outros.

Apesar da relevância desse tema, o cuidado, quando associado ao TEA, ainda é pouco estudado. É escasso o número de publicações científicas sobre o

cuidado com as crianças com TEA, na perspectiva de seus pais/mães e parentes (GOMES *et al.*, 2015).

Na percepção dos autores Maia Filho *et al.* (2016), o diagnóstico de um filho com TEA altera os sonhos e as expectativas dos pais/mães e da família. Expectativas estas que quando não satisfeitas, acabam gerando ansiedade nos pais/mães, levando-os a atravessarem por diferentes momentos que vão desde a aceitação, a rejeição, a esperança e a angústia.

Esses desafios são apresentados à família justamente por se configurar como o principal microssistema em que a pessoa em desenvolvimento estabelece relações significativas e estáveis (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). Os pais/mães, além de prestadores de cuidados, modelos, disciplinadores e promotores da socialização dos filhos, assumem posição central no que se refere à estimulação para favorecer o desenvolvimento dos filhos.

Tendo em vista as dificuldades associadas aos cuidados continuados junto aos indivíduos com autismo, estudos têm demonstrado a existência de altos níveis de estresse parental (BOSA, 2006; SEMENSATO; SCHIMIDT; BOSA, 2010). Conforme a pesquisa de Bosa (2006) a sobrecarga de tarefas, como por exemplo, os cuidados com a criança, as responsabilidades com consultas e com a casa, a demora na lista de espera para atendimentos, as despesas com diversos profissionais, o pouco espaço para cuidados pessoais e das suas outras relações são aspectos frequentemente presentes nos relatos dessas famílias, mostrando a necessidade de intervenções que levem em consideração toda a unidade familiar (BOSA, 2006).

O cuidado de uma criança autista exige muito dos pais/mães e dos familiares cuidadores, como por exemplo, estar atento, saber compreender e ter paciência são algumas boas ferramentas para conseguir lidar essa tarefa que em seu percurso tem muitas dificuldades, mas também tem seus pontos positivos (MAIA FILHO *et al.*, 2016).

Dentre outras psicopatologias, o autismo se destaca pelo seu início precoce e por estar associado a intenso prejuízo no estabelecimento de laços sociais, além da carga acarretada aos familiares ou outros responsáveis pelos cuidados cotidianos dessa população (LIMA *et al.*, 2014).

Conviver com o autismo pode representar para a família uma tarefa difícil, cansativa e, por vezes, dolorosa (ZANATTA *et al.*, 2014). E ainda, López (2015) ressalta que é mais comum se atribuir à mãe o papel de principal responsável pelos cuidados e educação inicial da criança, sem que isso signifique desconsideração do papel do pai e de outros membros da família. As mães de filhos autistas podem absorver o mundo das crianças de tal forma que passam a relatar o seu cotidiano como o dos filhos, sustentando a sua vivência no modo de cuidar (MONTEIRO *et al.*, 2008).

2.3 O Viver-envelhecer

O envelhecimento é um processo marcado por alterações em nível biológico, psicológico e social, que reflete no comportamento da pessoa, no tipo de atividades que mantém, bem como nas suas interações sociais. O envelhecimento é ainda um processo que ocorre ao longo do tempo, de forma progressiva, e que varia de indivíduo para indivíduo, pois sabe-se que os indivíduos não envelhecem todas da mesma forma (LOPES, 2010).

O envelhecimento ocorre gradativamente, sendo mais lentamente para uns e mais rapidamente para outros. Essas variações são dependentes de fatores como estilo de vida, condições socioeconômicas e doenças crônicas. Já o conceito “biológico” relaciona-se com aspectos nos planos molecular, celular, tecidual e orgânico do indivíduo, enquanto o conceito psíquico é a relação das dimensões cognitivas e psicoafetivas, interferindo na personalidade e afeto (FECHINE; TROMPIERI, 2015).

Assim, o envelhecimento pode ser definido como um processo marcado por modificações no nível dos processos funcionais, psicológicos, morfológicos e biológicos, que surgem como consequência da passagem do tempo, refletindo-se no indivíduo ao nível do seu comportamento, capacidades intelectuais, na atividade física e nas interações sociais (CASTRO, 2007).

No entendimento do Castro (2007), o envelhecimento pode ser caracterizado como um processo natural, que depende de fatores como o gênero, hereditariedade ou condições genéticas, diferenças culturais, situação socioeconômica, nível de atividade, bem como à localização geográfica da área onde residem.

Na sociedade atual, o envelhecimento tem sido considerado um importante fenômeno social, devido ao aumento da longevidade, redução da taxa de natalidade, levando, conseqüentemente, ao aumento da população idosa e da longevidade (LOPES, 2010). De acordo com projeções das Nações Unidas, uma em cada nove indivíduos no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para um em cada cinco por volta de 2050. Estima-se que em 2050, pela primeira vez, haverá mais idosos do que crianças menores de 15 anos (IBGE, 2020). Em 2012, eram 810 milhões de indivíduos com 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance um bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de indivíduos ou 22% da população global (IBGE, 2020).

O crescimento demográfico da população idosa e o aumento da expectativa de vida são fenômenos mundiais observados na população geral sendo que dentre essa, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 70 milhões de indivíduos têm Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Brasil, estimam-se 2 milhões de casos de TEA, sendo que a metade ainda não foi diagnosticada. Destes, somente 20% têm vidas independentes ou parcialmente independentes e um em cada cinco estão em tratamento psiquiátrico ou psicológico (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2019).

Indivíduos com TEA já têm uma expectativa de vida que ultrapassa 60 anos e estima-se que nos próximos 10 anos, a longevidade destes indivíduos se aproxime da média da expectativa de vida da população em geral, que hoje corresponde a 72,7 anos (PORTELLA; COLUSSI; GIRARIDI, 2015).

Apesar da escassez de estudos sobre o processo de envelhecimento do indivíduo com autismo no Brasil, sabe-se que o envelhecimento dessa população, assim como no cenário do indivíduo com deficiência intelectual, é uma realidade cada dia mais presente (CARVALHO, 2018). O que se sabe é que as manifestações comportamentais podem mudar com o avanço da idade e, em alguns casos, até diminuir sua intensidade, assim como as estereotípias e o isolamento também reduzem ao longo dos anos. Mas, os déficits na comunicação e nas habilidades sociais tendem a persistir, assim como a postura corporal e as anormalidades da marcha (TUCHMAN; RAPIN, 2009).

Como um transtorno de espectro, o autismo afeta cada indivíduo diferentemente e maioria dos indivíduos com TEA vão necessitar de vários graus

de ajuda e supervisão ao longo de suas vidas (WING; GOULD, 1979). Entre os fatores de risco presentes no envelhecimento precoce em indivíduos com TEA destacam-se: uso de medicamentos prolongados para tratamento de doenças pré-existentes, predisposição do indivíduo com TEA para desenvolver comportamentos e condutas de riscos no dia a dia e declínio cognitivo (CARVALHO, 2018).

Para os indivíduos com TEA, um desafio particular é o fato de, em geral, apresentarem problemas de saúde ligadas ao envelhecimento, e apesar do panorama bem descrito da infância do indivíduo com TEA, a velhice desses indivíduos é marcada pela prevalência de comorbidades associadas ao transtorno de linguagem, alterações sensoriais, déficits nas funções executivas e atenção, transtornos gastrointestinais, epilepsias, transtorno bipolar e ansiedade. Essas alterações impactam de maneira direta no envelhecimento do indivíduo com autismo, requerendo planejamento no atendimento, avaliação, intervenção precoce e o cuidado (CARVALHO, 2018).

De modo geral, sabe-se que por causa de sua condição, idosos com TEA apresentam algumas características que precisam de atenção e serviços especializados. Essa população pode ter um decréscimo em sua qualidade de vida, devido aos efeitos naturais do envelhecimento, do tratamento, do próprio transtorno e do estilo de vida adotado, assim como em decorrência do acesso limitado a cuidados de saúde de qualidade, no qual falta financiamento para intervenções apropriadas (SILVA, 2017).

O envelhecimento dos indivíduos com TEA merece atenção especial, não apenas por causa da questão dos efeitos da passagem do tempo, mas, sobretudo, por causa da necessidade de atenção às necessidades desse grupo de indivíduos com o passar dos anos. O processo de envelhecimento desse indivíduo ainda está vinculado a preconceitos e estigmas e nem sempre é compreendido em sua universalidade, o que por sua vez, necessita de maiores e melhores cuidados (PORTELLA; COLUSSI; GIRARIDI, 2015).

2.4 Contextualização histórica do projeto de extensão universitária em equoterapia

A ideia de possibilitar atividades equoterápicas à sociedade municipal e regional tiveram por base construir respostas a demandas de cuidado e atenção

as pessoas com TEA, a partir de uma universidade comunitária. As universidades comunitárias são instituições sem fins lucrativos, que tem como um de seus objetivos contribuir para o desenvolvimento da comunidade regional, o que se dá por meio do ensino, da pesquisa e da extensão universitária (SCHIMIDT, 2008). Então, um grupo de professores e acadêmicos dos cursos de graduação em Educação Física e Medicina Veterinária, em meados de abril de 2003, tomaram iniciativa de examinar possibilidades e de criar condições para implantação de atividades de Equoterapia, por meio da extensão. O grupo, como parte do planejamento e de encaminhamentos, manteve contatos com instituições cujos interesses convergiam na mesma direção. A intenção era obter apoio e conhecimentos necessários para viabilizar as atividades de equoterapia.

De acordo com Vieira e Baggio (2012), seguindo na perspectiva e possibilidade de realizar esta demanda, um grupo de professores e acadêmicos dos cursos de Educação Física e Medicina Veterinária, em meados de abril de 2003, tomaram iniciativa de examinar possibilidades de criar condições para implantação de atividades de equoterapia. As finalidades seriam:

- a) Disponibilizar recursos terapêuticos e pedagógicos para promoção da saúde de indivíduos com deficiência;
- b) Auxiliar indivíduos e grupos em situação de vulnerabilidade a superar a exclusão social e a exercer a cidadania plena;
- c) Proporcionar campo de estágio e prática pedagógica para acadêmicos oriundos das áreas da saúde, educação e afins;
- d) Contribuir com a ressocialização de adolescentes em conflito com a lei e/ou em situação de exclusão social.

O grupo de professores e acadêmicos durante o período de reuniões de planejamento e de encaminhamentos do já criado Projeto de Equoterapia manteve contatos com instituições cujos interesses convergiam na mesma direção. A intenção era obter apoio e conhecimentos necessários para viabilizar as atividades de equoterapia.

A partir destes contatos, a primeira experiência, no que diz respeito ao treinamento de recursos humanos para atuar com indivíduos com deficiência em atividades de equoterapia teve início em julho de 2003, nas dependências do 3º Regimento de Polícia Montada da Brigada Militar (3º RPMon/BM) de Passo Fundo. Os participantes eram acadêmicos do curso de Pedagogia, habilitação

em Educação Especial da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo (FAED/UPF). Naquela oportunidade e para dotar as atividades de maior consistência pedagógica, foi convidado um grupo de indivíduos cegos, ligadas a Associação de Cegos (APACE) e alunos da Escola Municipal de Autistas do município. Também foram convidados para colaborar com as atividades do projeto, um grupo de adolescentes internos do Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE), participantes de outros projetos desenvolvidos pela Instituição de Ensino Superior (IES).

A tarefa destes colaboradores consiste em auxiliar na preparação dos cavalos e conduzi-los no picadeiro para a realização dos atendimentos equoterápicos com os indivíduos com deficiência. A experiência teve continuidade em anos subsequentes com duas novas turmas do curso de Pedagogia. Posteriormente acadêmicos voluntários de outros cursos de graduação e faculdades, bem como indivíduos representativos de diversas entidades comunitárias foram se incorporando ao projeto.

As repercussões das experiências realizadas foram consideradas de significativa relevância social e acadêmica e importantes elementos para alavancar a ideia de consolidação do Projeto de Equoterapia nascido no âmbito acadêmico da universidade. Os critérios utilizados para esta avaliação positiva foram depoimentos e verbalizações de universitários, dos deficientes, dos pais/mães e ou responsáveis, dos profissionais da área da saúde, dos monitores e coordenadores do CASE, bem como o interesse da mídia escrita e falada, local, estadual e nacional ao produzir matérias sobre o assunto e veicula-las com destaque na mídia. Somado a estes elementos avaliativos, para considerar a relevância das atividades, foram utilizados os seguintes critérios: a) participação e assiduidade dos indivíduos com deficiência; dos acadêmicos de graduação dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária e Psicologia; auxílio de professores da instituição vinculados aos referidos cursos; b) a participação e depoimentos dos adolescentes bem como da coordenação psicopedagógica do CASE. Além destes foram considerados ainda: c) aspectos específicos relativos ao ajustamento e desenvolvimento psicomotor e aspectos gerais relativos aos comportamentos sociais dos participantes (deficientes) atendidos.

A partir de janeiro de 2005, estabeleceu-se a parceria com o Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Planalto Médio de Passo Fundo (Grupo de empresários e profissionais liberais do município, reunidos sob o ideal de cultivar e preservar as tradições gaúchas bem como estatutariamente contribuir para o bem estar de indivíduos com necessidades especiais por meio do oferecimento de atendimentos de equoterapia), possibilitou avançar um pouco mais no sentido de ampliar as atividades, não mais com as características de um projeto modesto, mais sim de um Centro de Formação Profissional e Desenvolvimento em Equoterapia e com isso, formar pessoal qualificado para atuar nesta área e ampliar o atendimento a comunidade dos indivíduos com deficiência. As aulas/sessões passaram a ser desenvolvidas na sede campestre do Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Planalto Médio e não mais nas dependências do 3º RPMon/Brigada Militar. Posteriormente, em dezembro de 2007 o Sindicato Rural do município, disponibilizou suas instalações, baias para alojamento dos animais e pavilhão coberto, localizados no Parque Municipal de Exposições (EFRICA) para desenvolvimento contínuo das atividades, independentemente das condições climáticas.

Em julho de 2009 a Prefeitura Municipal de Passo fundo sensibilizada com os esforços realizados pelo grupo de voluntários que colaboravam com a realização das atividades, ingressou como parceira e passou a disponibilizar parte dos recursos financeiros necessários para o funcionamento do projeto. Embora cobrindo parcialmente às necessidades, a contribuição da prefeitura do município constituiu importante elemento para continuidade dos atendimentos equoterápicos.

Em dezembro de 2009 a Universidade de Passo Fundo (UPF) que destinava maior volume de recursos financeiros e humanos, por força da situação econômica vigente, tomou a decisão de reduzir em 60% os gastos com o projeto. Isso significou um grande impacto que culminou com a redução do número de atendimentos e horários disponíveis. A mesma situação se repetiu com os orçamentos financeiros nos anos de 2010, 2011 e 2012.

No final de 2012 as atividades foram temporariamente suspensas em decorrência de um vendaval que destruiu o pavilhão do Centro de Equoterapia do Sindicato Rural, localizado no Parque Municipal de Exposições (EFRICA) do município. Concomitante a isso ocorreu o trágico falecimento do idealizador e

até então coordenador do Projeto de Extensão em Equoterapia, docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) da UPF, universidade comunitária do norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Em março de 2013, o projeto foi retomado sob nova coordenação, assumiram três professores dos cursos de graduação envolvidos no projeto, e um novo convênio com o 3º RPMon/Brigada Militar foi firmado. Assim, novamente as sessões de equoterapia passaram a ser realizadas a céu aberto nas dependências da Fazenda da Brigada Militar, nas segundas e quartas-feiras nos turnos da tarde. A partir do ano de 2014, a responsabilidade técnica e acadêmica do projeto foi designada a um dos três professores vinculados, contando com o auxílio de seis acadêmicos estagiários bolsistas paidex, e em média, 60 acadêmicos estagiários voluntários dos diversos cursos de graduação da área da saúde e educação da instituição. Ressalta-se, ainda, a contribuição importante de outras parcerias a exemplo dos adolescentes do CASE para a condução das atividades práticas nas dependências da Fazenda da Brigada Militar.

No início do ano de 2018 recebemos o comunicado oficializando que o Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Planalto Médio do município iria desistir de apoiar e de buscar recursos financeiros junto a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e outras Entidades privadas para a manutenção do projeto. Então, após muitas reuniões com todos os colaboradores, ficou acordado que a Associação de Pais e Amigos da Criança Autista (AUMA), iria assumir essa demanda financeira e administrativa e, seguiríamos com o desenvolvimento das intervenções equoterapias da mesma forma que estavam ocorrendo.

O Projeto de Extensão em Equoterapia, tem se destacado em virtude dos atendimentos com crianças, adolescentes e adultos com necessidades especiais em sua maioria de baixa renda, e as parcerias com a AUMA, Escola de Autistas, 3º RPMon/Brigada Militar e o CASE, possibilitado uma reeducação com os menores em conflitos com a lei e privados de liberdade (vulnerabilidade social).

O projeto também é um campo fértil de pesquisa e extensão para os acadêmicos bolsistas e estagiários voluntários, com ampla troca de conhecimentos adquiridos nas atividades práticas. Nesses anos todos, foram apresentados trabalhos científicos nas Jornadas de Extensão, Congressos e Mostra do Conhecimento na IES, o qual os acadêmicos/estagiários envolvidos

demonstram ganhos de conhecimento ao aprenderem a lidar e criar metodologias de trabalho adequadas as características dos participantes.

Corroborando nesta situação, o trabalho realizado pela equipe do Projeto de Extensão em Equoterapia, teve inúmeros reconhecimentos e prêmios, tanto a nível estadual e quanto municipal, quando foi homenageado pela relevância social realizado junto a essa população. Isso está reforçado e ilustrado nestes eventos relatados a seguir: Em 2011, foi agraciado com 1º lugar no prêmio de Responsabilidade Social, categoria Participação Comunitária, promovido pelo Sindicato das Escolas Particulares do RS (SINEPE). Em 2017, foi recebido o Troféu Destaque como Profissional com Atuação em Projetos Sociais, sob a responsabilidade do Conselho Regional de Educação Física do RS (CREF2/RS). E em 2018, o reconhecimento com o Prêmio Destaque como Profissional no Paradesporto e Atividades Adaptadas, fomentado pela Secretaria do Desporto e Cultura do Município de Passo Fundo/RS.

Como apresentado anteriormente, no início das atividades trabalhava-se com uma pluralidade de necessidades especiais dos indivíduos. No entanto, no decorrer da experiência desenvolvida no território da equoterapia, a ênfase foi sendo direcionada, sem maiores pretensões, para dois grupos específicos. Hoje são atendidos três grandes grupos: indivíduos com TEA, com comprometimento neuromotor e com paralisia cerebral. Por um lado, perdeu-se um pouco a diversidade, o que implica em diminuição interativa entre os diferentes, mas por outro, ganhou-se em conhecimento nessas áreas específicas. Sendo o projeto de suma importância para a continuidade da terapia para os indivíduos que a necessitam e a falta desta gerar situações desconfortáveis à sua qualidade de vida.

Diante do exposto a coordenação do projeto e seus colaboradores continuam com os esforços em busca de condições apropriadas para continuidade e ampliação das atividades tendo em vista do grande número de indivíduos interessados em participar no município e região.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I

Capítulo omitido por questões de originalidade de produção científica.

4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA II

Capítulo omitido por questões de originalidade de produção científica.

5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA III

Capítulo omitido por questões de originalidade de produção científica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo alcançou o seu propósito de desvelar sobre a percepção dos pais/mães de indivíduos com TEA que praticam a equoterapia seus benefícios e as dificuldades enfrentadas relativo ao transtorno, principalmente diante das diversas situações conflituosas enfrentadas por esses pais/mães desencadeadas nesse processo em relação ao cuidado no viver-envelhecer, na regularidade das sessões, relacionados ao contexto da pandemia da Covid-19.

Os benefícios estabelecidos nas sessões de equoterapia desenvolveram afeição e empatia, passando por ganhos de autoestima e segurança, existindo melhoras significativas no desenvolvimento motor por meio da equitação. Também se acredita que houve avanço na sociabilidade através do relacionamento entre todos os envolvidos no projeto. Em relação às dificuldades frente à pandemia da Covid-19, foi relatado que a parada brusca das intervenções equoterápicas ocasionou crises de ansiedades, gerando agressividades pela quebra na rotina dos praticantes. Estas situações foram evidenciadas e relatadas pelos pais/mães nas falas realizadas nas entrevistas. Desta forma, destaca-se a atividade terapêutica equoterápica como atenuante de várias características comportamentais, minimizando algumas estereotipias dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Na pesquisa desenvolvida evidenciou-se que por meio da equoterapia houve benefícios através de uma melhora em relação à convivência, associados à sociabilidade e ao desenvolvimento evolutivo, que são pontos significativos para o viver-envelhecer do indivíduo com TEA.

Além disso, a equoterapia auxilia no tratamento tanto de crianças e adolescentes, quanto de adultos com TEA, melhorando o desenvolvimento biopsicossocial e motor, contribuindo e potencializando para uma melhora na qualidade de vida destes indivíduos ao longo da vida.

Como limitações do estudo, foi possível identificar nas falas de alguns pais/mães como o processo viver-envelhecer em conjunto com as terapias podem auxiliar no convívio em família, no entanto, aqui neste estudo evidenciou-se somente os benefícios e a importância da equoterapia na percepção dos pais/mães. Pode-se então, incluir outras terapias e práticas alternativas de

estímulos variados às quais os indivíduos com TEA fazem uso, tais como: musicoterapia, hidroterapia, fonoaudiologia, fisioterapia e psicopedagogia. Entretanto, apesar de tais limitações, os achados foram pertinentes e significativos. Além disso, é importante destacar que este estudo foi realizado no período da pandemia da Covid-19 e o distanciamento social e as paradas com as terapias provocaram quebras nas rotinas dos indivíduos com autismo e suas famílias.

Sugere-se novos estudos em relação a outros atendimentos alternativos por meio de terapias e intervenções específicas de indivíduos com TEA. De tal modo, que essas intervenções seguirão dando suporte às famílias e, principalmente, aos pais/mães destes indivíduos, os quais se mobilizam assumindo papéis ativos frente a estas limitações e que por diversas vezes buscam terapias para reparar esses prejuízos acarretados pelo TEA. Nesse sentido, considera-se válido o esforço dos pais/mães multiplicarem na busca de atividades dirigidas e específicas, cabendo à sociedade dar suporte por meio de novos estudos e práticas para acolher as particularidades e necessidades dessa população.

REFERÊNCIAS

ANDE/BRASIL. Fundamentos básicos sobre equoterapia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EQUOTERAPIA, 1., 2009, Brasília, DF. *Coletânea de trabalhos*. Brasília, DF: ANDE/BRASIL, 1999. p. 13-16.

_____. Associação Nacional de Equoterapia. *Equoterapia: O Método*. 2021.

APA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALBUENA, R. F. Breve revisión histórica del autismo. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Madrid, v. 27, n. 2, p. 61-81, 2007.

BARBOSA, G.; MUNSTER, M. A. Aprendizagem de posturas em equoterapia por crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 38-1-20, 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARROS, I. B. R.; FONTE, R. F. L. da. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2016.

BASTOS, M. B. et al. *Incidências do educar no tratar: desafios para a clínica psicanalítica da psicose infantil e do autismo*. 2012. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BHAT, A. N.; LANDA, R. J.; GALLOWAY, J. C. Current Perspectives on Motor Functioning in Infants, Children, and Adults with Autism Spectrum Disorders. *Physical Therapy*, v. 91. p. 1116–1129. 2011.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BONA, C. C; MELLO, P. C. Intervenções práticas psicomotoras de pessoas com TEA por meio dos projetos de extensão da FEEF/UPF. In: PIEROZAN, M.; YOUNES, S.; BARELLI, C. (Org.). *Filhos autistas*. Passo Fundo: Saluz, 2015. p. 53-71.

BOSA, C. Autismo: intervenções psicoeducacionais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, n. 1, p. 47-53, 2006.

BRACCIALLI, L. M. P. et al. Qualidade de vida de cuidadores de pessoas com necessidades especiais. *Revista Brasileira Edição Especial*, v. 18, n. 1, p. 113-126, Jan/Mar 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Autismo: orientação aos pais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

_____. *Construções e comentários sobre os documentos: Linha de Cuidado para a Atenção das Pessoas com Espectro Autista e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde/SUS e Diretrizes de Atenção à Reabilitação de pessoas com Transtorno do Espectro do Autista (TEA)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRONFENBRENNER, U. A.; MORRIS, P. A. *Ecologia do desenvolvimento humano*. Tradução de M. A. V Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

CAMPOS, C. C. P.; SILVA, F. C. P.; CIASCA, S. M. Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista. *Revista Psicopedagogia*, v. 35, n. 106, p. 3-13, 2018.

CARVALHO, C. L. *Os desafios do envelhecimento e do autismo*. Disponível em: <institutomongeralaeon.org>. Acesso em: 10 abr 2020.

CARVALHO, L. de S. et al. O impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, Piauí, v. 9, n. 7, p. 1-14, jun. 2020.

CASTRO, C. M. V. *Representações sociais dos enfermeiros face ao idoso em contexto de prestação de cuidados*. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Transtorno do Espectro Autista precisa de mais visibilidade, afirmam conselheiros de saúde*. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/171-transtorno-do-espectro-autista-precisa-de-mais-visibilidade-afirmam-conselheiros-de-saude>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. *Resolução*, v. 196, p. 96, 2019.

COONROD, E. E.; STONE, L. L. Early concerns of parents of children with autistic and nonautistic disorders. *Infants and Young Children*, v.17, n.3, p. 258-268, 2004.

CORIOLOANO, A. M. M. A equoterapia como método terapêutico para crianças com transtorno do espectro autista (tea): um estudo de caso. *In: Anais do I Congresso Internacional de Psicologia da Faculdade América*. 2021.

DUARTE, L. P et al. Revisão bibliográfica dos benefícios que Equoterapia proporciona a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. *Brazilian Journal Health Review*, v. 2, n. 4, p. 2466-2477, jul./aug. 2019.

FARLEY, M. A. et al. Twenty-year outcome for individuals with autism and average or near-average cognitive abilities. *Autism Research*, Hoboken, v. 2, n. 2, p. 109-118, 2009. <http://dx.doi.org/10.1002/aur.69>. PMID:19455645. 2009.

FAVERO, A. A.; GABOARDI, A.; CENCI, A. (Coord.). *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 5ª ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *InterSciencePlace*, v. 1, n. 20, 2015.

FERNANDES, A. D. S. A. et al. Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, 2021.

GIAGAZOGLU, P.; ARABATZI, F.; DIPLA, K., LIGA, M.; KELLIS, E. Effect of a hippotherapy intervention program on static balance and strength in adolescents with intellectual disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, v. 33, n.6, p. 2265-2270, 2012.

GOMES, P. T. M. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 91, n. 2, p. 111-121, Apr. 2015.

GUERRERO, M. C. P.; ALVAREZ, L. P. Labor del profesional de enfermería en la equinoterapia como condición esencial para la atención integral al discapacitado. *Revista Cubana Enfermería*, Ciudad de la Habana, v. 27, n. 4, p. 351-363, 2011.

IBGE. *Projeções da população: Brasil e Unidades da Federação*. 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101597>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KLIM, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, maio 2006.

KOLLING, A.; PEZZI, F. A. S. A Equoterapia no Tratamento de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 14, p. 88-102, 2020.

LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Revista Interface*, v. 12, n.27, p. 795-80, 2008.

LIMA, R. C. et al. Indicadores sobre o cuidado a crianças e adolescentes com autismo na rede de CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, p. 715-739, 2014.

LOPES, M. G. *Imagens e estereótipos de idoso e envelhecimento, em idosos institucionalizados e não institucionalizados*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2500/1/Capa.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

LÓPEZ, R. M. M. Identidade social: mãe de autista. *Revista Agenda Social*, v. 9, p. 2, p. 106-118, 2015.

MAIA FILHO, A. L. M. et al. The importance of the family in the care of autistic children. *Saúde em Foco*, v. 3, n. 1, p. 66-83, 2016.

MAIA, F. A., ALMEIDA, M. T. C., ALVES, M. R., BANDEIRA, L. V. S., SILVA, V. B. D., NUNES, N. F., & SILVEIRA, M. F. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34, e00109917. 2018.

MAPELLI, L. D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. *Escola Anna Nery*, v. 22, n. 4, 2018.

MARTÍN, M.; LEÓN, M. Cruz. Acercamiento a la realidad de las familias de personas con autismo. *Psychosocial Intervention*, v. 17, n.2, p. 215-230, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MONTEIRO, C. F. S.; BATISTA, D. O. N. M.; MORAES, E. G. C.; MAGALHÃES, T. S., NUNES, B. M. V. T.; MOURA, M. E. B. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 3, p. 330-5, 2008.

MORAES, D. T.; OLIVEIRA; V. M de.; SENRA, A. V. D. Intervenções Assistidas por Animais por um Olhar da Fenomenologia. *Psicologia em Ênfase*, v.1, n. 2, p. 107-118.

NEWTON, P. *Equoterapia melhora a qualidade de vida de pessoas com deficiência*. Minas Gerais, 2011.

OLIVEIRA, A. M. B. C. de. *Perturbação do espectro de autismo: a comunicação*. Porto: ed. Porto, 2009.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Revista Caderno Pedagógico*, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

OOMEN, D.; NIJHOF, A. D.; WIERSEMA, J. R. The psychological impact of the COVID-19 pandemic on adults with autism: a survey study across three countries. In: *Mol. Autism*, v. 12, n. 21, 2021, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13229-021-00424-y>. 2021.

PEREIRA, M. C. L. *Pais de alunos autistas: relatos de expectativas, experiências e concepções em inclusão escolar*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

PORTELLA, M. R.; COLUSSI, E. L.; GIRARDI, M. Percepções de envelhecimento e velhice entre adultos com Deficiência Intelectual. *Revista Deficiência Intelectual*, n. 9, p. 3-10, 2015.

PORTES, J. R. M.; VIEIRA, M. L. Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. *Psicologia em Estudo*, v. 25, 2020.

RODRIGUES, L. B. B. et al. A atenção primária à saúde na coordenação das redes de atenção: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 343-352, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v.19.n.2.343-352>, 2020.

RIMLAND, B. *Infatile Autism the syndrome and its implications for a neural theory of behavior*. New Jersey Prentice-Hall, 1964.

SANTOS, M.; LIMA, N. A Resposta terapêutica da equoterapia pelo olhar do acompanhante de uma instituição de Maceió (AL). *Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde – UNIT – Alagoas*, v. 5, n. 1, out. 2018.

SCHMIDT, J. P. O caráter público não-estatal da universidade comunitária: aspectos conceituais e jurídicos. *Revista do Direito*, n. 29, p. 44-46, 2008.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família. Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 111-120, 2003.

SCHWARTZMAN, J. S. *Transtornos do Espectro do Autismo: Conceitos e generalidades*. In J. S. Schwartzman & C. A. Araújo (Org). *Transtornos do Espectro do Autismo*. (pp. 3743). São Paulo: Memnon, 2011.

SEMENSATO, M. R.; SCHMIDT, C.; BOSA, C. A. *Grupo de familiares de pessoas com autismo: Relatos de experiências parentais*. Aletheia, n. 32, 2010.

SHURTLEFF, T. L.; STANDEVEN, J. W.; ENGSBERG, J. R. Changes In: Dynamic Trunk/Head Stability and Funcional Reach after Hippotherapy. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*. v. 90. p. 1185-1195, 2009.

SILVA, C. L. *Vida adulta e envelhecimento com TEA: tratamento, prognóstico e dificuldades segundo profissionais*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2017.

SILVA C.M, OLIVEIRA V.M, FERREIRA C.S, SILVA C.S, SILVA V.L. *Vivência Materna Diante do Cuidado à Criança Autista*. *REVISA*. 2020; 9(2): 231-40. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v.9,n.2,p.231a240>. 2020.

SILVA, E. O.; AZEVEDO, I.; MARQUES, M. C. A utilização do cavalo em paciente com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 2, n. 4, p. 3719-3728, 2019.

SILVA, L. W. S. et al. O cuidado na perspectiva de Leonardo Boff, uma personalidade a ser (re)descoberta na enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 58, n. 4, p. 471-475, ago. 2005.

SILVA, W. N.; ROCHA, A. N. D. C.; FREITAS, F. P. M. Perfil de crianças com transtorno do espectro autista em relação à independência nas atividades de vida diária. *Revista diálogos e perspectivas em educação especial*, v. 5, n. 2, p. 71-84, 2018.

SIMÕES, A. L. et al. Significado da terapia de grupo para crianças autistas: Percepção das mães. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 2, p. 278-284, 2010.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROLOGIA INFANTIL (SBNI). *Transtorno do Espectro do Autismo*. Vila Mariana. São Paulo. 2021.

SOUZA, R. F.; NUNES, D. R. P. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 32, p. 1-17, 2019.

SOUZA, R.F.; SKUBS, T.; BRÊTAS, A. C. P. Envelhecimento e família: Uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(3), 263- 267. 2007.

TEIXEIRA, M. C. V. et al. Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 56, n. 5, p. 607-614, 2010.

TUCHMAN, R.; RAPIN, I. *Autismo: Abordagem Neurobiológica*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WERNER, E.; DAWSON, G. Validation of the phenomenon of autistic regression using home videotapes. *Archives of general psychiatry*, 62(8), 889-895. 2005.

VERGARA, S. *Métodos de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

VIEIRA, P. S.; BAGGIO, A (org.). *Educação Equoterapêutica*. 1ª ed. Curitiba, PR. Editora CRV. 2012.

WING, L.; GOULD, J. Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: Epidemiology and classification. *Journal of autism and developmental disorders*, v. 9, n. 1, p. 11-29, 1979.

ZAFEIRIOU, D. I.; VERVERI, A.; VARGIAMI, E. Childhood autism and associated comorbidities. *Brain Dev Review*, v. 29, n. 5, p. 257-72, 2007.

ZAMO, R.; TRENTINI, C. M. Revisão sistemática sobre Avaliação Psicológica nas pesquisas em Equoterapia. *Psicologia: teoria e prática*, v. 18, n. 3, p. 81-97, 2016.

ZANATTA, E. A.; MENEGAZZO, E.; GUIMARÃES, A. N.; FERRAZ, L.; MOTTA, M. G. C. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 28, n. 3, p. 271-282, 2014.

ZANELLA, L. C. H. *Metodologia de pesquisa*. 2ª ed. rev. atual. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br